

O lugar da mulher no meio corporativo

(The woman's place in the corporate world)

Maria Inês de Oliveira Hernandez¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)

mihernandez@usp.br

Abstract: In this paper we carry out a discursive analysis of a business meeting dramatization, presented by students of a secretarial training course. We focus on the way students show their subjective positioning, some already naturalized, even though contested, and some new ones, although quickly confiscated, sometimes, by themselves. Michel Foucault's concept of power and its relation to knowledge and its effects, especially the ones related to the constitution of the subject, support this analysis, in which we could notice the places offered to women in the corporate world and the way the subjective constitutions of the participants of the meeting were formed.

Keywords: subjective constitution; discourse; knowledge; power.

Resumo: Neste artigo empreendemos uma análise discursiva da dramatização de uma reunião de negócios apresentada por alunas de um curso tecnológico de secretariado, na qual enfocamos o modo como ocupam posicionamentos subjetivos já naturalizados, mesmo que contestados, assim como forjam novos posicionamentos, posicionamentos desejados, mesmo que rapidamente confiscados, às vezes por si mesmas. O conceito de poder em Michel Foucault, sua relação com o saber e seus efeitos, especialmente no que diz respeito à constituição do sujeito, sustentam a análise, em que pudemos notar os lugares destinados à mulher no meio corporativo e o modo como se deram as constituições subjetivas dos participantes da reunião.

Palavras-chave: constituição subjetiva; discurso; saber; poder.

Introdução

Partindo do conceito de poder em Michel Foucault, objetiva-se neste trabalho realizar uma análise discursiva de como alunas do 6º semestre de um curso de secretariado ocupam posicionamentos subjetivos já naturalizados, mesmo que contestados, e como forjam novos posicionamentos, posicionamentos desejados, mesmo que rapidamente confiscados, às vezes por si mesmas.

No segundo semestre de 2011 esta pesquisadora e também professora da disciplina de língua inglesa consultou suas alunas sobre o que gostariam de fazer como terceiro instrumento de avaliação (a instituição estabelece que os dois outros instrumentos sejam provas escritas). Uma aluna propôs a encenação de uma reunião de negócios, gravada em vídeo. Considerou-se a ideia bastante pertinente, já que as alunas colocariam em prática não apenas a língua inglesa, mas também conhecimentos abordados em outras disciplinas, bem como suas vivências no mercado de trabalho.

Ao refletir sobre a proposta de trabalho, a professora percebeu que seria bastante apropriado mostrar um minivídeo sobre uma reunião de negócios na qual podemos perceber uma forte tensão devido à necessidade daquele que ocupa o lugar de liderança ser percebido como detentor do poder e merecedor da submissão da equipe de trabalho.¹ Desse modo,

¹ Esse minivídeo está inserido no CDROM que acompanha o livro didático de Cotton e Falvey (2007).

no mês seguinte, a professora mostrou o minivídeo às alunas e conduziu uma breve discussão com o grupo. Foram discutidas questões relativas à hierarquia, práticas discursivas no meio corporativo, globalização e neoliberalismo com o objetivo de problematizar práticas observadas (muitas delas opressoras) no meio corporativo.

Conforme combinado, no final do semestre as alunas apresentaram sua encenação da reunião de negócios. Como o áudio da gravação ficou muito ruim, as alunas realizaram uma leitura dramatizada do roteiro para a professora. Após a leitura, seguiu-se uma discussão sobre o trabalho delas. A discussão foi gravada em áudio e posteriormente transcrita, e as alunas forneceram o roteiro da encenação (apresentado mais adiante neste trabalho).

Antes de passarmos para a análise das falas das alunas e do roteiro da encenação, faremos uma exposição de alguns dos conceitos que sustentarão nossa análise. Iniciaremos com o conceito de poder em Michel Foucault e, a partir deste, para a relação entre poder e saber e a constituição do sujeito.

Poder

Concordamos com Foucault (1996a, 1996b, 1997, 1982, 1983), que entende o poder não apenas como uma força que domina e oprime, exercido de cima para baixo, em que o poder exercido pelas elites sufoca e controla as massas populares. Opondo-se a essa visão, Foucault (1996a, 1996b, 1997, 1982, 1983) inova ao apresentar o poder como algo que constitui todas as relações humanas em suas várias esferas sociais. Em outras palavras, em nossas interações na família, na escola, no trabalho, nas repartições governamentais, estamos sempre envolvidos em redes de poder que nos constituem e que nos disponibilizam determinados posicionamentos subjetivos e inviabilizam outros.

Em sua conceituação de poder, Foucault (1996a, 1996b, 1997, 1982, 1983) destaca o fato de esse não estar localizado em um ponto e ausente em outro. Na verdade, o exercício de poder é marcado pela mobilidade e transitoriedade, sendo formado a partir das condições históricas. Remetendo-nos ao contexto da sala de aula, não entendemos que o único participante da aula que detenha o poder seja o professor. No jogo discursivo da sala de aula é possível que o poder seja exercido pelos alunos também, tanto em sua relação professor-aluno, quanto na relação aluno-aluno. Acrescentamos que uma das características constitutivas do poder é a fluidez. Assim, é comum observarmos professores sendo convencidos pelos alunos a fazerem uma atividade que não haviam planejado para uma determinada aula, mas que cedem devido à pressão exercida pelos alunos, mesmo que seja para deixá-los momentaneamente menos insatisfeitos e, assim, realizem algo que o professor deseje (SOUZA, 1995; HERNANDEZ, 2001).

Também é inerente do exercício do poder a existência da resistência. Nas palavras de Foucault (1997, p. 91): “[...] que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Aliás, não há lugar fora do poder. Estamos sempre envolvidos em redes de poder em que os focos de resistência também são móveis e seus efeitos causam novos reagrupamentos, provocando reconfigurações nas malhas de poder, suscitando novas estratégias de exercer força e de resistir.

Poder e produção de saber

Uma das inovações do conceito de poder em Foucault é compreendê-lo não só como exercício de dominação e opressão, mas também como produtor de saber. Contradizendo a noção de que o saber verdadeiro e puro está fora das redes do poder, pois o poder maculária e corromperia o saber, Foucault demonstra como diferentes áreas do conhecimento humano se desenvolveram e se consolidaram como ciências a partir do exercício do poder, especialmente por meio do poder disciplinar. O poder disciplinar lança mão de técnicas que vigiam, classificam e ordenam. Sobre isso, Foucault descreve, em *Microfísica do poder* (1996a) e *Vigiar e punir* (1996b), como o poder disciplinar através das estratégias de vigilância, confissão e exame ajudaram disciplinas como a psiquiatria, a pedagogia, a medicina moderna a se tornarem áreas de conhecimento respeitadas.

Explicando-nos melhor, ao submeter os corpos a técnicas de vigilância, exame e confissão, geram-se informações sobre os indivíduos. Essas informações, por sua vez, formam um corpo de conhecimento que possibilita classificar os indivíduos, ordená-los e testar novos procedimentos que objetivam a maximização da produção e uma melhor utilização do tempo e do espaço, em se tratando, por exemplo, da escola, da fábrica, dos quartéis. Ressaltamos o fato de o poder, nesse caso o poder disciplinar, não apagar as individualidades massificando as populações: a partir de seus mecanismos esse tipo de poder gera individualidades.

O Sujeito

O poder não só possibilita a produção de conhecimento para diversas áreas, como a medicina, a pedagogia, a psicologia, a economia, mas o poder também possibilita ao indivíduo tornar-se sujeito. Em todas as relações humanas estamos localizados em redes de poder, em que ora exercemos poder e ora sofremos seus efeitos, inclusive ao tomarmos a palavra. Em *A arqueologia do saber* (1997b), a partir da compreensão da linguagem enquanto discurso, Foucault elabora conceitos como o enunciado e a formação discursiva, que são apropriados pelo linguista Michel Pêcheux, que reformula esses conceitos dentro de uma proposta de análise discursiva, que foi conhecida como a de linha francesa. A partir dos estudos de Foucault sobre poder, saber e linguagem e das propostas de Pêcheux (1995, 1997a, 1997b, 1997c; PÊCHEUX; FUCHS, 1997), que foram constantemente revistas até sua morte, entendemos o discurso como prática social, localizada historicamente e socialmente, em que os sujeitos não dizem o que querem, quando querem, mas, sim, sempre a partir do que pode e deve ser dito. Isso quer dizer que, ao tomarmos a palavra, certos posicionamentos subjetivos nos são disponibilizados, enquanto outros nos são negados.

Entendemos que nos tornamos sujeitos ao tomarmos a palavra em situações e contextos específicos, mas como somos atravessados por diferentes discursos e afetados de modo singular pela nossa contingência histórica e pela ideologia, concluímos que não se pode afirmar que exista uma determinação direta e inescapável do que podemos ser ou dizer. Há sempre espaço para deslocamentos e ressignificações. Desse modo, na empresa, o indivíduo que ocupar a posição de diretor em um contexto determinado se sujeitará e se tornará sujeito-diretor ao tomar a palavra e produzir enunciados recorrentes dessa prática discursiva empresarial, reproduzindo dizeres já ouvidos (e talvez esquecidos) e reatualizando

e resignificando outros (talvez advindos de outras práticas discursivas) devido à sua biografia singular e ao modo como é afetado pelo contexto sócio-histórico.

O conceito de poder, sua relação com o saber e seus efeitos, especialmente no que diz respeito à constituição do sujeito sustentam a análise que realizaremos a seguir. Isso posto, passaremos à descrição e análise do roteiro da dramatização empreendida pelas alunas do curso de secretariado.

“Mr. Arnold is not very happy with our numbers”

Nesta seção analisaremos o roteiro de uma reunião encenada pelas alunas do curso de secretariado em seu último semestre de formação acadêmica. Nosso enfoque será o modo como as alunas constroem representações de diferentes sujeitos que transitam em uma empresa, como o(a) presidente, o(a) gerente, o(a) secretário(a), o(a) estagiário(a), observando o modo como o mesmo é reproduzido e o novo se irrompe. O elemento condutor dessa discussão será o modo como o poder é exercido e engendrado no jogo discursivo, em que se disponibilizarão certos posicionamentos para a mulher, enquanto outros lhe serão negados.

A fim de que possamos refletir sobre o modo como as alunas se constituem subjetivamente na encenação é preciso resgatar as possíveis discursividades que competem entre si e que são resgatadas e atualizadas, rejeitadas ou silenciadas. Em primeiro lugar, há a experiência profissional de cada uma em diferentes empresas ou pelo menos de seu período de estágio, em que vivenciou práticas corporativas permeadas por relações de poder e saber. Segundo, há o discurso acadêmico a que foram expostas e que internalizaram ou aprenderam a reproduzir (ou ao menos a ecoar a fim de serem aprovadas nas avaliações das várias disciplinas). Porém, o discurso acadêmico com certeza não foi homogêneo, com vozes nem sempre consoantes entre diferentes professores, materiais didáticos, palestrantes, etc. Por último, ressaltamos que as alunas realizaram esse trabalho acadêmico para a disciplina de língua inglesa. Em suas aulas, a professora constantemente estimulava as alunas a posicionarem-se criticamente em relação ao aprendizado da língua inglesa, refletindo sobre o predomínio dessa língua ao redor do mundo e seus efeitos, bem como as encorajava a refletir criticamente sobre o que significa ser secretária(o) nos dias de hoje e as habilidades e os saberes exigidos pelo mercado de trabalho. Portanto, era de se esperar que fossem resgatados enunciados de nossas discussões anteriores.

CHARACTERS:

Mrs. Joey – Main Manager

Mrs. Cameron – Marketing Manager

Suzan – Secretary

Mary – Marketing staff

Jessie – Marketing staff

Helen – Marketing staff

Anne – Trainee

THE MARKETING MEETING

Mrs. Joey — Main manager: Good morning ladies and gentlemen. (joke: all women.)

Everyone (laughing) – Good morning.

Mrs. Joey — I scheduled this meeting to present the new marketing plans. As everybody knows it's not a secret that the company president Mr. Arnold is not very happy with our numbers. So let's not waste our time. Suzan?

Suzan (secretary) — Yes, Mrs. Joey?

Mrs. Joey — Suzan, you will be responsible for the meeting minutes. Ok?

Suzan — Ok, Mrs. Joey. You can start the meeting. I am ready.

Mr. Joey — Thanks, Suzan. Today we have here the presence of Mrs. Cameron the marketing manager, her staff, Mary and Jessie. We have also the presence of Anne. She's a trainee. Mrs. Cameron, please.

Mrs. Cameron — Thanks, Mrs. Joey. Good Morning everyone.

Everyone — Good morning.

Todas as personagens presentes na encenação são mulheres, com a exceção de Mr. Arnold, que é o presidente da companhia e que está ausente. O presidente representa a autoridade máxima de uma corporação. Nesse caso, a razão das personagens estarem reunidas é porque “Mr. Arnold is not very happy with our numbers”. Obviamente, a reunião não foi motivada especificamente por causa do humor de Mr. Arnold. Porém é bastante revelador que essa enunciação tenha se atualizado, apontando para a necessidade de tornar o presidente mais “feliz” com os números da empresa. Também é interessante que, embora a reunião tenha sido motivada pelo fato de Mr. Arnold estar insatisfeito com os números da empresa, ele mesmo não está presente para tentar imaginar soluções para a questão. O presidente “sente” ou aponta um problema e os membros da equipe devem procurar soluções, o que procuram fazer de prontidão e sem perda de tempo (“So let's not waste our time”).

A questão do gênero salta aos olhos logo de início: todas as personagens presentes são mulheres, ocupando posições que variam de gerente a estagiária. Contudo, a autoridade máxima é um homem. Em nenhum momento ao longo do roteiro há qualquer contestação ou reclamação desse fato, o que nos permite afirmar que houve uma reprodução do mesmo, em que o mesmo é a constatação de que no mercado de trabalho os postos mais altos são ocupados pelos homens, embora comecemos a observar um pequeno número de presidentes mulheres. No entanto, quando uma mulher ocupa tal posição, vira notícia e até capa de revista.

Ao questionar as alunas sobre esse fato na discussão que se seguiu à encenação, comentaram:

(1) P: por que colocaram o big boss como homem?²

A1: é uma crítica

As: ((risos))

A1: porque os homens éh:: é o maior número de presidente

P: é verdade

A2: quem resolve sempre os problemas ... no caso () são as mulheres

As: ((risos))

2 A legenda para as transcrições encontra-se no Anexo 1.

Percebemos discursividades que se colidem e se contradizem, advindas das experiências das alunas no mercado de trabalho brasileiro e do discurso acadêmico a que foram expostas. Ao mesmo tempo em que retratam um mercado de trabalho conservador que engessa a mulher em determinados lugares no meio corporativo, negando-lhes o lugar de maior poder em uma corporação, evocam uma crítica a isso, ecoando não apenas sua experiência profissional, mas também seu contato com o discurso acadêmico. A crítica, no entanto, só emerge na discussão sobre a reunião que encenaram, uma vez que no roteiro não se permitiram esboçar deslocamentos. À mulher cabe a posição de realizadora de tarefas (“quem resolve sempre os problemas ... no caso () são as mulheres”) e, opondo-se a essa posição, ao homem seria reservada a de pensador, cérebro, aquele que lidera e aponta a direção a ser seguida. Sobre isso, vejamos o relato de A1 oferecido durante a discussão após a encenação. A1 trabalhou em uma transnacional americana em São Paulo que produzia e vendia produtos de beleza:

- (2) A1: o produto é pro mercado feminino mas o chefe/o geren/o presidente sempre era homem ... durante o tempo que eu conheço a empresa teve poucas presidentes/porque eles mudam a gestão/teve uma mulher né? agora eu não vou lembrar mas sempre era homem ... era uma empresa cheia de mulheres ... gerentes todas mulheres ... promotoras mulheres mas sempre o chefe ... o gerente geral de vendas ... nacional era um homem ... o presidente era um homem ... o diretor era um homem ... então prá chegar no topo às vezes ... as mulheres não chegavam ... eles acabavam contratando até de fora ... eu achava isso um absurdo porque se a empresa é:: tinha a cara da mulher ... por que o presidente sempre era homem? ... eu fazia essa crítica lá ... me mandaram embora mas eu fiz

A1, As ((risos))

Ao mesmo tempo em que constatamos a indignação de A1 em relação às limitadas e injustas possibilidades de lugares que as mulheres podem ocupar na empresa onde trabalhou, avulta-se um alerta àquelas que se atrevem ser críticas: corre-se o risco de demissão. Apesar de o depoimento fechar-se com risos, esses não são meros risos de alegria, mas provavelmente de desabafo, de alívio de tensão, em que o que se sucedeu não pode ser desfeito e, talvez, haja arrependimento.

Retomando o início do roteiro da reunião das alunas do secretariado, observamos um jogo discursivo típico desse tipo de evento. O indivíduo que ocupa o lugar de maior autoridade, Mrs. Joey, assume a palavra e distribui papéis (“Suzan, you will be responsible for the meeting minutes. Ok?”), bem como concede o direito à palavra a outros participantes, cabendo-lhes reagir e responder à fala do sujeito- líder:

Mrs. Joey – Thanks Suzan. (...). Mrs. Cameron, please.

Mrs. Cameron – Thanks Mrs. Joey. Good Morning everyone.

Esse padrão de fala também se faz presente na continuação do roteiro da encenação da reunião, contudo haverá algumas rupturas que nos permitirão vislumbrar o desejo de novos modos de se constituir:

Mrs. Cameron – So let’s go directly to the point. We are losing clients. I am talking about the big ones. That’s the reason our numbers are so low this last semester. This marketing company has always been responsible for the marketing of the biggest state companies. And we are talking about all kinds of products. So what’s the problem if we have experience with so many different products?

Mary – According to our research marketing is changing. Society is changing all the time.

Mrs. Cameron – Yes, but where’s our mistake?

Mary – In my opinion, we are making a mistake because we are pointing to the wrong side.

Mrs. Cameron – Explain it.

Mary – Our marketing campaign is focused on men. Male marketing. But women are taking the control of the world so we need a marketing focus on a female point of view. We need female marketing.

Jessie – I agree but there’s another important element.

Mary – What element?

Jessie – The internet. We are not working web marketing enough. We need to spend more in this kind of marketing.

Suzan – Sorry but now I must disagree. Sorry to interrupt you but we’ve already talked about funds. We need new solutions and not new expenses.

Jessie – Are you kidding Suzan? The web marketing funds are a joke. We need more funds, more resources and more people to strike with all our forces.

Mrs. Joey – Ok guys. Good ideas and remember we are all in the same boat.

Antes de discorrermos sobre o jogo discursivo da reunião de negócios, gostaríamos de salientar o destaque dado à condição da mulher. Há uma preocupação em construir uma representação de sociedade em que a mulher desempenha papéis decisórios e de grande importância econômica, num cenário em que as empresas que ignorarem esse potencial minguarão e serão excluídas. Esse cenário, aliado ao efeito que predomina nessa reunião de que as mulheres são proativas, têm ideias, tomam decisões e comandam, parece apontar para um desejo de “dominar o mundo”, mas que acaba sendo frustrado pela realidade de ter um Mr. Arnold no comando central, em vez de uma mulher.

Em relação às trocas verbais do trecho anterior, esse se inicia dentro de um padrão típico, em que o sujeito de maior autoridade, Mrs. Cameron, comanda os turnos de fala, perguntando, exigindo respostas e explicações e avaliando-as. O inesperado ocorre quando a secretária, sem ser solicitada, faz dura crítica a Jessie, funcionária do departamento de propaganda (“Sorry but now I must disagree. Sorry to interrupt you but we’ve already talked about funds. We need new solutions and not new expenses”). Delineia-se aqui um desejo de o sujeito-secretária constituir-se subjetivamente de modo mais ativo e decisivo do que sua recorrente representação (passiva e cumpridora de tarefas), posicionando-se mais como parceira do que como simples realizadora de comandos.

Conforme explicitado por Foucault (1996a, 1996b, 1997, 1982, 1983), o exercício de poder caracteriza-se pela sua mobilidade e fluidez, assim, momentaneamente, a secretária (Suzan) toma a palavra e se faz ouvida por todos. É interessante notar, no entanto, como a secretária se sente pouco confortável em discordar e interromper (“Sorry but now I must disagree. Sorry to interrupt you but...”), uma vez que se desculpa duas vezes, provavelmente por não ter o hábito de poder ter uma opinião discordante e expressá-la.

Se há um efeito de desconforto na voz da secretária Suzan em interromper e discordar da funcionária de propaganda Jessie, esta, por sua vez, parece não encontrar problemas em expressar sua contrariedade: “Are you kidding Suzan? The web marketing funds are a joke”. São as posições que ocupamos em contextos específicos, constituídas na contingência histórica, que nos permitem falar o que falamos. Se ousamos falar o que nos é proibido, não somos ouvidos ou somos silenciados. Se a enunciação de protesto de Suzan tivesse sido proferida pelo Mr. Arnold, Mrs. Joey ou Mrs. Camaron, dificilmente Jessie

teria reagido como reagiu. O poder é constitutivo de todas as práticas discursivas, inclusive as do meio empresarial. Nesse sentido também podemos compreender o poder de intervenção de Mrs. Joey, que silencia Suzan e Jessie, encerrando a argumentação entre elas (“Ok guys. Good ideas and remember we are all in the same boat”).

Na última parte do roteiro da encenação podemos vislumbrar o desejo de dar voz àqueles que raramente são ouvidos no meio corporativo:

Mrs. Cameron - I would like to listen to the trainee. Would you like to join us?

Anne (Trainee) - I agree with Mary. Last year Nike’s marketing team only changed the slogan to “Come to see Nike’s female side” and its profit growth went to 30% (thirty percent). And we are talking about millions just with a single sentence.

Mrs. Cameron - Hmmm, good. Anne?

Anne (Trainee) - but I think this kind of marketing must be strongly linked with the Internet. I know nothing about the company funds but work on internet ...

Suzan - Folks, I’ve already talked about the funds. We are not...

Mrs. Joey - Main manager: Enough! It’s not a fight. We must win together and...

(The door opens and a woman comes in)

Helen - Sorry everybody. But I was with Gabe Nolan.

Mrs. Joey – Nolan? From the Nokia company?

Helen - Exactly. Yesterday I was talking to Mary, Jessie and Anne about marketing. And I think I could join the two ideas and I showed it to Nolan.

Mrs. Cameron - Without our permission?

Helen - Sorry guys! It was an urgent plan. And... It worked. Nokia is ours now.

Mrs. Joey - are you kidding? Show us how you got it.

Helen - I will show you...

(now she puts a nice celular vídeo commercial)

Esse trecho é bastante interessante uma vez que nos permite vislumbrar o modo como se dão as constituições subjetivas. Nesse jogo discursivo, aquele que ocupa a posição de líder no momento, Mrs. Cameron, tem o direito de comandar os turnos de fala, elegendo quem fala e por quanto tempo, porém irrompe-se o previsível ao se dar voz a um sujeito que usualmente é invisível e inaudível: o estagiário. Ao mesmo tempo em que Anne, a estagiária, se sujeita de modo já naturalizado, respondendo ao comando de Mrs. Cameron, provoca um deslocamento ao constituir-se como aquele que tem ideias merecedoras de serem ouvidas, a ponto de lhe serem oferecidas mais oportunidades de fala. Percebemos, portanto, que os posicionamentos subjetivos não são categorias previamente estabelecidas. No jogo discursivo que engendramos a todo momento em todas as esferas sociais, constituído por relações de poder e saber, nos tornamos sujeitos ao nos posicionarmos dentro de uma mesmidade já prevista, ao mesmo tempo em que possibilidades de deslocamentos subjetivos podem ser arrebatadas, especialmente quando se tem um saber, como é o caso de Anne. Ela só fala quando é inquirida, ocupando seu lugar de estagiária de maneira previsível. Contudo, quando a oportunidade lhe é oferecida, demonstra um saber valioso, o que lhe rende o direito de ser ouvida, provocando uma ressignificação do que é ser estagiário, usualmente visto como um aprendiz e um realizador de pequenas tarefas.

Na discussão posterior à encenação, a professora questionou o grupo sobre o fato de terem dado uma oportunidade para a estagiária se expressar, conforme segmento a seguir:

- (3) P: por que vocês pensaram em pedir para a trainee falar?
A1: ah;; porque as ideias sempre são bem-vindas ... numa reunião a trainee ... ela pode ter boas ideias
P: por acaso em alguma experiência de vocês ... vocês já foram trainee em algum lugar ... e vocês percebiam que tinha algum problema e que vocês tinham alguma ideia?
A3: eu já fui estagiária e:: os problemas lá e todos de cabeça quente ... e eu vindo de fora tendo a ideia mas não podia falar
P: e ninguém perguntou prá você
A3: ninguém perguntou ... eu só fiquei lá anotando ...o que eles estavam discutindo na reunião
P: e aqui no caso a trainee ajudou
A1: ela ajudou ... dando opinião

Como A1 bem coloca logo no início, uma estagiária também pode ter um saber que valha a pena ser compartilhado em uma reunião. Porém, para ser ouvido, é preciso ter o direito de falar e, em uma reunião, empresarial ou não, esse direito é outorgado aos que ocupam os lugares de líderes ou parceiros. Nesse sentido, podemos compreender A3 ao relatar sua experiência como estagiária em que “tendo a ideia mas não podia falar”. Ela não ousou constituir-se de modo diferente do já naturalizado e silenciou-se. Somente tomaria a palavra se fosse indagada.

Ao analisarmos as trocas de turnos de fala quando Suzan toma a palavra, podemos constatar como ela procura ressignificações para o sujeito-secretária, uma vez que interrompe a fala de Anne de maneira reprobatória, sinalizando para a possibilidade de esse sujeito ser entendido como um parceiro nas discussões, negociações e tomadas de decisão. Sua intervenção, porém, é duramente repreendida (“Mrs.Joey - Enough! It’s not a fight. We must win together and...”) por aquele que se posiciona como a maior autoridade presente, arremessando-a a seu lugar de submissão.

Se, por um lado, as alunas não conseguiram vislumbrar uma mulher ocupando o lugar de presidente de uma empresa, reproduzindo uma situação que criticam e consideram injusta, por outro lado, provocaram deslocamentos subjetivos ao oferecerem às personagens da secretária e da estagiária possibilidades de se constituírem como sujeitos que podem se expressar, contribuir com ideias e participar das reuniões como parceiros e não apenas como ouvintes passivos e realizadores de tarefas não decisórias, mesmo que tais deslocamentos tenham sido rapidamente confiscados, como foi o caso da secretária.

Ainda nesse trecho vale a pena ressaltar como os líderes de uma hierarquia verticalizada constituem-se de modo absolutamente já cristalizado: eles devem manter a ordem, fazendo falar e calar os que se encontram abaixo de si (“Enough! It’s not a fight. We must win together and...”) e, se às vezes uma liderança é ignorada (“Without our permission?”), é porque o poder não se sustenta sozinho: ele se constitui e é exercido em sua relação com o saber, especialmente em nossa sociedade em que há muito não impera o poder soberano. Nesse caso, mais importante do que respeitar a hierarquia empresarial estabelecida, é resolver o problema da perda de clientes, afinal isso deixou Mr. Arnold descontente. Helen não só articulou as ideias das colegas, mas agiu, conseguindo a conta da Nokia, mesmo sendo apenas uma funcionária do departamento de propaganda.

Por meio da análise do roteiro de uma reunião de negócios encenada pelas alunas do curso de secretariado, pudemos notar os lugares destinados à mulher no meio corporativo e o modo como se dão as constituições subjetivas dos participantes da reunião. Tomando como elemento norteador de nossa análise a noção de que o poder permeia toda experiência social, foi possível perceber tanto a reprodução de práticas já naturalizadas, denotando um conformismo com certas injustiças, como também o surgimento de deslocamentos com pequenas insubordinações e rupturas, indicando o desejo dessas alunas de resignificar o modo como os sujeitos tratados neste estudo podem se constituir.

REFERÊNCIAS

COTTON, D.; FALVEY, D.; KENT, S. *Market Leader New Edition – Elementary Business English Course Book with Self-study CD-ROM*. Edinburgh: Pearson Education Ltd., 2007. 160 p.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder (Apêndice da Primeira Edição 1982). In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Apêndice contendo entrevista com Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense, 2010. p. 348.

_____. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow (Apêndice da Segunda Edição 1983). In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Apêndice contendo entrevista com Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

_____. *Microfísica do Poder*. 12. ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1996a.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1996b.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

HERNANDEZ, M. I. O. *Poder e resistência na aula de inglês como língua estrangeira: uma análise discursiva da interação professor/aluno*. Dissertação. 2001. 154 f. Mestrado (Mestrado em Letras. Área de Concentração: Língua Inglesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

_____. A Análise de Discurso: 3 épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997c.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SOUZA, L. M. T. M. O conflito de vozes na sala de aula. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 1995.

WALSHAW, M. *Working with Foucault in Education*. Rotterdam/Taipei: Sense Publishers, 2007.

ANEXO 1

Legenda para transcrição

()	Incompreensão de palavras ou segmentos
/	Truncamento
MAIÚSCULA	Entonação enfática
::	Prolongamento de vogal ou consoante
...	Qualquer pausa
[Superposição de vozes
(...)	Retomada de fala
(())	Comentários do observador
P	Professor
A	Aluno não-identificado pelo observador
A1	Cada aluno identificado e reconhecido nas transcrições pelo observador recebe um número que será utilizado ao longo de todo o estudo
A1, A3	Dois alunos reconhecidos falam ao mesmo tempo
As	Vários alunos falam ao mesmo tempo
A', A''	Alunos diferentes não identificados falam ao mesmo tempo

Obs.: Transcrevemos as falas sem efetuar ajustes de caráter normativo.